

## O EPISTOLÁRIO LEOPARDIANO DE 1807 A 1826: REFLEXÕES SOBRE TRADUÇÃO<sup>1</sup>

Andréia Guerini

Universidade Federal de Santa Catarina  
andreaia.guerini@gmail.com

**Resumo:** Este artigo analisa as reflexões de Leopardi sobre tradução presentes no primeiro volume de cartas do autor, escritas entre 1807 a 1826, e organizado por F. Brioschi e Patrizia Landi. Das 484 cartas escritas pelo escritor de Recanati, aproximadamente 78 tratam de tradução. E quando fala sobre o assunto, encontramos discussões sobre: possibilidade vs impossibilidade de traduzir, tradução de poesia vs tradução de prosa, a utilidade do traduzir, tradutor/poeta-escritor, poeta-escritor/tradutor.

**Palavras-chave:** Leopardi, epistolário, literatura italiana, teoria da tradução.

**Abstract:** This article analyses Giacomo Leopardi's reflections on translation, comprised in the first book of his collected letters, edited by F. Brioschi and Patrizia Landi. Seventy eight (78) out of the 484 letters therein address the issue of translation; in them, we find discussion of topics such as: the possibility or impossibility of translating, translator/poet-writer, poet-writer/translator.

**Keywords:** Leopardi, epistolary, Translation Theory, Italian Literature.

Laura Diafani em *La stanza silenziosa: studio sull'epistolario* (2000) divide o epistolário do escritor italiano Giacomo Leopardi, que começou a ser escrito em 1807, quando tinha apenas nove anos, e finalizou um pouco antes de sua morte, em 1837, com mais de novecentas cartas enviadas por Leopardi em 05 partes: Giochi e studi [Brincadeiras e estudos] (1810-1816); Gli anni eroici [Os anos heróicos] (1817-1819); Tra vero e illusioni [Entre o verdadeiro e as

ilusões] (1820-1823); Il bisogno di sopravvivere [A necessidade de sobreviver] (1823-1826) e Il risorgimento delle passioni [O ressurgimento das paixões] (1827-1837).

Essa divisão servirá de base para ver como as cartas sobre tradução aparecem no primeiro volume do epistolário leopardiano, pois o objetivo deste artigo é analisar as reflexões sobre tradução do escritor italiano nos anos de 1807 a 1826, período que cobre as quatro (04) primeiras divisões feitas por Diafani<sup>2</sup>.

O epistolário leopardiano, organizado por Franco Brioschi e Patrizia Landi em 1998, tem no seu conjunto 1940 cartas recebidas e enviadas pelo autor de Recanati de 1807 a 1837. O primeiro volume é composto por 1000 cartas; dele, a primeira carta datada é de 26 de março de 1809 e a última, no dia 06 de outubro de 1826, é endereçada ao irmão Pierfrancesco Leopardi. Desse total, 484 foram escritas pelo autor do “L”Infinito”.

O escritor de Recanati troca cartas, primeiro com os familiares e, um pouco mais tarde, com pessoas importantes da época como Francesco Cancellieri, Angelo Mai, Antonio Fortunato Stella, Filippo Solari, Vincenzo Gioberti, Pietro Giordani<sup>3</sup> entre outros. Os assuntos são os mais diversos, de literatura à tradução, passando por questões de caráter pessoal.

Pode-se afirmar que as cartas acompanharam o escritor italiano durante toda sua vida e essa intensa relação epistolar se dá como uma tentativa de integrar-se ao mundo e, principalmente, com o meio literário italiano. Através delas é possível ver, segundo as palavras de Brioschi, a “l’immagine riflessa di Leopardi” (1998: p. XXXIV).

Por longo tempo, a comunicação epistolar foi o único meio de Leopardi contatar o mundo e de se distanciar metaforicamente do seu “natio borgo selvaggio” pois, como se sabe, Leopardi sempre esteve em conflito com o enclausuramento que Recanti lhe causava<sup>4</sup>. Por isso, Laura Diafani afirma que as cartas eram um “spazio di libertà e autenticità” (2000: p. 32).

E, ao contrário do que acontece no *Zibaldone di Pensieri* (1817-1832) e nos *Canti*, no *Epistolario*, segundo Franco Brioschi, “assistiamo a un dialogo reale tra persone in carne e ossa, le cui

parole rinviano a referenti concreti nello spazio e nel tempo, dense di tutte le implicazioni psicologiche e pragmatiche che ineriscono a un atto linguistico non fittizio (1998: p. XV). É também no epistolário que temos as discussões dos desenhos literários da primeira maturidade, que serão aprofundados no *Zibaldone di Pensieri*.

As primeiras cartas escritas por Leopardi podem ser divididas, segundo Diafani, “in sofferte pagine di impeccabile retorica (italiana, latina, francese) e in gustose prove di estrosa comicità” (2000: p. 17). Mas é a partir de 1815 que o autor das *Operette morali* ultrapassa as fronteiras de Recanati para “coinvolgere gli insigni componenti di quella “Repubblica delle Lettere” (Diafani, 2000: p. 23). Por isso, em carta de 15 de abril de 1815 ao abade, polígrafo e também escritor Francesco Cancellieri (1751-1826), Leopardi afirma que essa troca de cartas com os literatos não lhe é somente útil, mas também necessária, porque: “...il commercio con i doti non mi è solamente utile, ma necessario, ed io cercherò con ogni studio di profittare delle istruzioni che ne riceverò” (1998: p. 12). Começa, então, uma batalha para se afirmar como intelectual, tornar-se conhecido e ser reconhecido por sua produção literária.

As cartas foram úteis para Leopardi estabelecer os primeiros diálogos com literatos, editores, escritores. E falar sobre tradução foi a maneira que o escritor encontrou para os seus primeiros contatos externos. No período de 1807 a 1826, das 484 cartas escritas por Leopardi, cerca de 78 tratam de tradução e estão distribuídas da seguinte maneira: nos anos de 1807 a 1816, 8 cartas; de 1817 a 1819, 25 cartas; entre 1820 e 1823, 16 cartas e no período de 1824 a 1826, 29 cartas<sup>5</sup>.

Os anos de maior discussão sobre o assunto foram 1817, com 19 cartas, 1825, com 10 cartas e 1826, com 17 cartas, mas o ano de maior teorização foi 1817, em que o poeta do “Alla luna” trata de diversas questões pertinentes à tradução literária, como veremos a seguir.

Convém lembrar que as reflexões do autor nascem da sua intensa prática. Leopardi foi um grande tradutor de grego e latim. Aos 15 anos já sabia latim, grego, hebraico, espanhol, francês e inglês; lín-

guas estas que, com exceção do latim, aprendeu sozinho, muitas vezes através da prática da tradução. Foram anos de intenso estudo, que deixaram marcas profundas na história intelectual do escritor.

As traduções que o poeta realizou, principalmente no período de 1815 a 1817<sup>6</sup>, sempre foram elogiadas por seus correspondentes, como podemos observar em muitas cartas recebidas por Leopardi, afirmando que eram “elegantes, precisas, exatas”<sup>7</sup>.

Os elogios recebidos nas trocas epistolares serviram de estímulo ao jovem poeta, mas também foram úteis para a sua reflexão sobre o assunto. Podemos dizer que a tradução foi útil para Leopardi aprender uma língua estrangeira, mas principalmente, incorporar novas formas literárias, renovando-as. Não por acaso, a obra de Leopardi guarda uma relação íntima com a tradução em seus mais variados aspectos.

Durante grande parte da sua formação, manteve estreito contato com o texto traduzido, seguindo assim a tradição de muitos grandes autores em que a tradução de clássicos gregos e latinos servia, entre outros, para não apenas incorporar novas formas literárias, mas também para renovar a sua própria, como adequadamente observa Francesco De Sanctis em relação às traduções que Leopardi fez de Mosco<sup>8</sup>. Ou ainda como observa Rolando Damiani

La traduzione degli *Idilli di Mosco* diverge dal progetto erudito-filologico [...]. Essa nasce sotto il segno della predilezione letteraria, di un gusto individuale [...] Leopardi ha scoperto traducendo il piacere gratuito della letteratura, l'amore per il bello coltivato privatamente. [...] Nei poeti antichi, che legge e riversa nella propria lingua, Leopardi avverte qualcosa di suo [...]. La catena dell'erudizione, i vincoli del tradurre, le dure leggi dell'emendatore di testo gli hanno insegnato la libertà della letteratura, il gusto di creare e di dirsi che ne costituiscono l'essenza (2002: p. 68).

Além de desempenhar um papel importante na formação do jovem poeta como assinalado acima, a tradução, no início, serviu

para os primeiros contatos de Leopardi com o mundo dos literatos e intelectuais de sua época.

Nos primeiros anos, as cartas são destinadas principalmente aos familiares, mas é entre 1815 e 1816 que o conteúdo das cartas de Leopardi apresentam um caráter mais erudito e literário, como observa Diafani (2000: p. 25), revelando a intenção do autor de tentar entrar no debate literário/cultural da época e, principalmente, de se tornar conhecido e famoso.

Nesse período, mais especificamente no ano de 1816, as cartas que falam sobre tradução são 08 e endereçadas a Francesco Cancellieri, Filippo Solari, Angelo Mai e ao editor Stella, entre outros.

Essas cartas do período de “Brincadeiras e Estudos” tratam, de maneira geral, e sem muita profundidade, de assuntos ainda hoje recorrentes em tradução como “possibilidade vs impossibilidade de tradução”, “fidelidade”, crítica da tradução, e aspectos do paratexto, isto é, de prefácios e de notas às traduções.

Por isso, em carta de 06 de abril de 1816, Leopardi lança alguns preceitos para o bem traduzir, especialmente em relação às traduções de obras consideradas “impossíveis”, como “I Cesti” de Júlio Africano. Nesse caso, Leopardi afirma que ele conseguiu realizar a tradução porque leu toda a obra, juntou os fragmentos dispersos, comparou diversas edições, anotou e traduziu. Diz ele:

Io avendo raccolte tutte le opere, e i frammenti di quell'autore, se non erro, poco conosciuto, avendole emendate, e fornite di note perpetue, avendo scritto colla esattezza, che mi è stato possibile d'impiegare, un commentario latino sulla Vita, e gli scritti di Africano, ho preso ad esaminare i cosi detti suoi Cesti, e coll'ajuto di cinque, o sei Codici, dei quali il Lami ha poste le varianti nella edizione Greca, che ne ha data, ho tradotti [...] (1998: p. 18).

Além da discussão sobre possibilidade vs. impossibilidade de traduzir, tangencialmente o autor das *Operette morali* coloca a questão da “fidelidade” vs “infidelidade”. Na realidade, traduzir com fidelidade para Leopardi é ter conhecimentos aprofundados sobre autor e obra, a ponto de Bruno Nacci afirmar que para Leopardi “la traduzione dunque, ben lungi dall’essere un’attività meccanica, si fonda su una sostanziale affinità tra i due scrittori” (Nacci, 1999).

Já Angelo Mai, ao receber de Stella a tradução de Frontão feita por Leopardi, manda diversos comentários críticos para Leopardi ou como ele mesmo diz: “alcune brevi osservazioni, che [...] Ella ne faccia quel conto che le sarà in grado” (1998: p. 23). E a partir das minuciosas observações críticas de Mai (e também de outros sobre outras traduções), Leopardi, em 31 de agosto de 1816, responde com a humildade de um iniciante/aprendiz, dizendo:

Ben graditissime ed utili sopra modo sonomi riuscite le osservazioni che ella non ha sdegnato di fare sopra il mio lavoro, e se io ne abbia cavato profitto ella ne giudicherà, esaminato il foglio che le acchiudo. Assai mi duole che le siano troppo poche, e più mi dorrebbe se oltre il desiderio grandissimo che ho io di riceverne delle altre dalle quali possa ugualmente trar vantaggio [...] Giudice assoluto io la costituisco dell’opera mia, e se ella vorrà compiacersi di continuare e condurre a fine le sue savissime osservazioni, e pigliarsi la briga di porre ai loro luoghi i cambiamenti che le invio, fatti dietro i suoi avvisi, io reputerò che l’opera non abbia mestieri d’altro esame, e che, quanto è emendabile, sia già emendata (1998: p. 26).

Podemos dizer que essas primeiras discussões sobre crítica da tradução fazem acender o debate com Leopardi, o qual justifica, sempre na mesma carta, algumas de suas escolhas, aceitando algumas e rejeitando com convicção outras, mostrando ainda que a tradução é muito mais do que um processo de substituição de um texto numa língua por um texto em outra.

Nas cartas de 1816, Leopardi continua a divulgar as suas traduções (de Mosco, Homero, Virgílio, Horácio etc), mandando-as para Stella, Cancellieri etc, os quais elogiam o jovem escritor não só pelas traduções, mas também pelos excelentes prefácios<sup>9</sup>.

As cartas de 1816 apresentam comentários não aprofundados sobre tradução, pois embora Leopardi tenha feito várias e tenha sido “absoluto nas traduções”, para usar as palavras de Marco Lucchesi, ele ainda se coloca como um divulgador e aprendiz.

*Grosso modo*, essas cartas de 1816 serviram de base para estabelecer os primeiros contatos com os literatos e editores da época, pois como afirma Diafani:

Tra il 1816 e il 1817 l’epistolario testimonia la graduale conquista di una fitta rete di contatti. Giacomo, per mezzo della penna si appresta a bussare alle porte più illustri dell’epoca: quelle del Cancellieri, del Mai, dello Stella col suo “Spettatore Italiano”, dell’Acerbi con la sua “Biblioteca Italiana”, del Monti, del Giordani (2000: p. 31).

Nesse período, Leopardi também discute tópicos tradicionais que ainda hoje são recorrentes nos estudos da tradução como “possibilidade vs impossibilidade de tradução”. Essas discussões são feitas, todas, a partir de uma longa e intensa prática da tradução. Quando fala sobre o assunto, sempre se refere à tradução de textos literários, especialmente os de poesia.

É no período descrito por Diafani como “Os anos heróicos” (1817-1819)<sup>10</sup> que as discussões sobre tradução ganham profundidade e originalidade, especialmente nas cartas trocadas entre Leopardi e Giordani<sup>11</sup>.

Aliás, com Pietro Giordani<sup>12</sup> constituiu uma grande amizade “epistolar”. Giordani foi um dos mais caros correspondentes de Leopardi, a quem ele se reportou considerando-o um mestre. As cartas trocadas entre os dois, principalmente entre 1817 e 1822,

estão entre as mais importantes do primeiro volume do epistolário leopardiano.

Em 1817, Leopardi amplia a sua rede de contatos, enviando para alguns “doti” a tradução do II Livro da *Eneida* que ele diz ter feito “con tutto il possibile studio, non avanzando una parola senza averla maturatamente ponderata, e con tutta la cognizione delle due lingue di cui io [Leopardi] sono capace” (1998: p. 52). O poeta do “L’Infinito” pede a Stella para enviar uma cópia dessa tradução para Angelo Mai, Monti e Pietro Giordani (1998: p. 56), especialistas em filologia, poesia e prosa, respectivamente. A tradução do II Livro da *Eneida* será acompanhada de uma carta do próprio Leopardi para os três “príncipes” e terá um tom de severa humildade e modéstia.

Na carta a Giordani, por exemplo, Leopardi se desculpa pela audácia de escrever ao grande prosador, ainda mais acompanhado por um livro que “mostrandole la mia miseria mi punirà” (199: p. 53) ou ainda usando o adjetivo “opericciuola” quando descreve a sua tradução para o filólogo Angelo Mai e fecha dizendo a Monti que esta tradução é um “miserabilissimo dono” e será “argomento di riso al traduttore della Iliade primo in Europa [...]” (1998: p. 55).

Os três “príncipes” respondem a Leopardi agradecendo o “dono”. Giordani afirma que não vai demorar a ler a tradução porque “tanto ingegno, tanti studi, in cavaliere, se sì giovane, m’innamorano. Leggerò, benchè la mia mente, ingombra e stanca di cruciosi pensieri pochissimo sia atta a ricever bellezze di poetico stile” (1998: p. 61). Angelo Mai fala do “prezioso volumetto” com “lodevolissima Traduzione e Prudentissima Prefazione” (1998: p. 63). Já Monti, apesar dos elogios, aponta alguns problemas na tradução:

la vostra versione del secondo dell’Eneide mi è piaciuta e mi piace sopra ogni credere. Nè per questo giurerò che ella sia senza difetti: chè anzi non pochi me ne saltano agli occhi, e qualcuno ancora non lieve. Ma le bellezze diffuse per tutto il corpo del vostro lavoro son tante, e tale è l’impasto del vostro stile, che la ragione della Critica o non ha tempo o non ardisce

di fermarsi sopra le mende: delle quali col maturarsi degli anni, e coll'internarvi sempre più nei segreti dell'arte voi stesso un giorno vi accorgete, e vi farete ottimo castigatore di voi medesimo. Intanto siate contento anzi superbo dei primi passi che avete fatti in una carriera che al volgo sembra sì facile, e a chi ben intende è la più ardua di quante mai possa correre l'umano intelletto (1998: p. 64).

O comentário de Monti em relação aos problemas da tradução, que vão ser percebidos com o passar dos anos, antecipa algumas discussões que serão retomadas no próprio epistolário por Leopardi quando este vai falar da relação escritor-tradutor-escritor, como veremos mais adiante.

Discussão similar também será feita em 12 de março de 1817 por Giordani que, surpreso com a idade de Leopardi, escreve elogiando o fato de o jovem escritor “non contenta di molto leggere i classici, anche si eserciti a tradurne: esercizio che mi pare [a Giordani] affatto necessario a divenir grande scrittore, proprio all'età giovane [...]” (1998: pp. 66-7). Essas palavras de Giordani estimulam Leopardi a aprofundar as suas reflexões sobre tradução. Por isso, em 21 de março de 1817, Leopardi, em resposta a Giordani, concorda que o exercício de tradução seja útil para os jovens escritores porque:

Quando ho letto qualche Classico, la mia mente tumultua e si confonde. Allora prendo a tradurre il meglio, quelle bellezze per necessità esaminate e rimentate a una a una, piglian posto nella mia mente e l'arricchiscono e mi lasciano in pace (1998: p. 71).

A tradução aparece aqui como um elemento pacificador, mas de alguma forma já como algo canibalesco e isso será reafirmado por Leopardi na importante carta de 30 de abril de 1817 a Giordani, quando afirma: “Da che ho cominciato a conoscere un poco il bello, a me quel calore e quel desiderio ardentissimo di tradurre e far

mio quello che leggo, non han dato altri che i poeti e quella smania violentissima di comporre” (1998: p. 94).

Giordani, em carta de 15 de abril de 1817, afirma que para se tornar “scrittore bisogna prima tradurre che comporre: e prima comporre in prosa che in versi” (idem: p. 81), e dá conselhos a Leopardi como, por exemplo, ler e traduzir prosadores mais antigos como Heródoto, Xenofonte etc., além de ler autores do “Trecento” e conclui que “l’ottimo scrivere italiano non possa farsi se non con lingua del trecento e stile greco” (idem: p. 82). Em resposta de 30 de abril de 1817<sup>13</sup> a esta carta de Giordani, Leopardi afirma:

Da che ho cominciato a conoscere un poco il bello, a me quel calore e quel desiderio ardentissimo di tradurre e far mio quello che leggo, non han dato altri che i poeti e quella smania violentissima di comporre, non altri che la natura e le passioni, ma in modo forte ed elevato, facendomi quasi ingigantire l’anima in tutte le sue parti, e dire fra me: questa è poesia e p[er] esprimere quello che io sento ci voglion versi e non prosa, e darmi a far versi (1998: p. 94).

O autor de Recanati diz a Giordani que a tradução ajuda a escrever, sim, mas que ele prefere poesia a prosa e continua:

quando traduco versi, facilmente riesco (facendo anche quanto posso per conservare all’espressioni la forza che hanno nel testo) a dare alla traduzione un’aria d’originale, e a velare lo studio, ma traducendo in prosa, per ottener questo, sudo infinitamente più, e alla fine probabilmente non l’ottengo. Però io aveva? concluso tra me che per tradur poesia vi vuole un’anima grande e poetica e mille e mille altre cose, ma per tradurre in prosa un più lungo esercizio ed assai più lettura, e forse anche (che a me pare necessarissimo) qualche anno di dimora in paese dove si parla la buona lingua, qualche anno di dimora in Firenze (1998: p. 96).

Leopardi já começa a estabelecer as distinções entre os que podem e os que não podem traduzir prosa e poesia. Ele parece dar mais importância para o tradutor de poesia por este necessitar uma “anima grande e poetiche e mille e mille altre cose”. Não por acaso, ele prefere traduzir apenas poesia. Ademais, começa a mostrar a sua autonomia em relação aos seus “mestres”. Diante das convicções de Leopardi, nada mais resta a Giordani senão afirmar: “E s’ella più ama la poesia, bene sta [...] pois o que importa é “addomesticarsi solo cogli ottimi in ciascun genere” (1998: p. 103).

Esse apreço pela tradução de poesia se relaciona com reflexões que aparecerão ao longo do *Zibaldone*, sobretudo com a teorização que ali vai ser desenvolvida sobre o gênero lírico. Não por acaso, em um fragmento de 1823, lemos: “E infatti i primi sapienti furono i poeti, o vogliamo dire i primi sapienti si servirono della poesia” (Zib 2940-2941).

Na carta de 30 de maio de 1817 a Giordani, Leopardi amplia suas reflexões sobre literatura, língua, gêneros literários, sistema de Belas Artes, assuntos que são elaborados nos seus ensaios do mesmo ano e em ensaios posteriores do *Zibaldone di Pensieri*. Leopardi apenas enfatiza para Giordani que não é contra a prosa, pois ele está se exercitando nos dois, embora tenha a convicção de que “non si debba cercare di divenire eccellente in molti generi” (1998: p. 108). Nesta carta, o tema tradução aparece indiretamente.

É na carta de 05 de dezembro de 1817 a Giordani que Leopardi volta a falar de sua rotina literária, “[...] vo leggendo i miei Classici, Greci la mattina, Latino dopo pranzo, Italiani la sera” (1998: p. 163), sempre acompanhada de alguma tradução, pois diz ainda que está preparando uma tradução “solene”. Mas é no dia 29 de dezembro de 1817 que Leopardi retoma as suas teorizações sobre tradução, observando que:

il tradurre così per esercizio vada veramente fatto innanzi al comporre, e o bisogni o giovi assai p[er] divenire insigne scrittore, ma che per divenire insigne traduttore convenga

prima aver composto ed essere bravo scrittore, e che in somma una traduzione perfetta sia opera più tosto da vecchio che da giovane (1998: p. 172).

Essa afirmação do poeta de *A Silvia* é uma das mais fecundas em tradução, porque lança as bases para se pensar na tríade tradutor-escritor-tradutor. A tradução ajuda, sim, a se tornar bom escritor, mas apenas depois de se tornar um bom escritor é que se terá um bom tradutor. Essa concepção não é muito desenvolvida na área de estudos da tradução, embora seja importantíssima. Aqui, claramente, Leopardi defende a idéia de que somente um bom tradutor/poeta pode traduzir poesia. E essa será uma discussão retomada por muitos outros escritores.

Nos anos seguintes, embora as trocas epistolares se mantenham, especialmente com Giordani, o assunto tradução é menos intenso e se dilui, até porque Leopardi intensifica a escrita dos seus ensaios, que serão dispostos no *Zibaldone di Pensieri*, inicia a escrita do ensaio “Sobre a poesia romântica” (1818), dos poemas “Alla Luna” e “L’Infinito” de 1819, além de escrever as *Operette Morali*.

A partir de então, Leopardi começa a mandar as suas próprias poesias, pelas quais começa a se tornar conhecido. Não por acaso, Giordani, em carta de 05 de fevereiro de 1819, informa Leopardi que “le vostre canzoni girano per questa città come fuoco elletrico: tutti le vogliono, tutti ne sono invasati” e continua “Non ho mai (mai mai) veduto nè poesia nè prosa, nè cosa alcuna di ingegno tanto ammirata ed esaltata [...] Fui pure sciocco io quando [...] vi consigliavo ad esercitarvi prima nella prosa che nei versi [...]” (1998: pp. 246-7).

Nesse sentido, as cartas de Leopardi parecem seguir o percurso traçado pela crítica no reconhecimento do autor, isto é, primeiro foi reconhecido o filólogo/tradutor, depois o poeta e mais tarde o prosador. Por isso, os anos de 1816 e 1817 estão mais voltados para a divulgação de suas traduções e para a elaboração teórica sobre o assunto e os seguintes estão mais centrados na divulgação de suas poesias. Se no início o editor Stella foi um dos seus princi-

pais interlocutores, nos anos seguintes isso se dá pelas mãos de Giordani, mas é também e, principalmente, graças ao talento do jovem Leopardi que os seus *Canti* começam a se tornar conhecidos. De filólogo e tradutor passa a poeta de Recanati. Não por acaso, Giuseppe Montani, jornalista, tradutor e poeta, em carta de 05 de maio de 1819, diz a Leopardi,

Io lo conosceva da qualche anno per varie pulite versioni dal greco [...] e chi potea poi indovinarne il giovane quadrilustre, che or ci canta dell' Italia e di Dante coi modi [...] Quest' accoppiamento di età e di pregi in disproporzione con essa e quasi in opposizione fra loro mi riesce veramente meraviglioso (1998: p. 301).

Ou ainda quando dias mais tarde Pietro Brighenti diz: “Ella mi ha fatto un prezioso regalo, spedendomi un' esemplare [sic] delle sue veramente bellissime Canzoni. Qui sono molto ammirate dagli' intelligenti” (1998: p. 308).

Nos períodos denominados por Diafani como “Entre o verdadeiro e as ilusões” (1820-1823) e “A necessidade de sobreviver” (1823-1826), as reflexões sobre tradução não apresentam nada de novo, mas são repetições de algumas colocações já feitas, especialmente as de 1817. Nessa época, os problemas de saúde de Leopardi se intensificam e o assunto predominante gira em torno das publicações de seus poemas, que vai desde a escolha do papel até o relacionado com os problemas da edição de seus *Canti*.

Convém, entretanto, lembrar que a tradução acompanha, direta ou indiretamente, o poeta de Recanati. Em carta de 15 de janeiro de 1825 a Carlo Antici, Leopardi informa “Io vengo presentemente ingannando il tempo e la noia con una traduzione di *operette morali* scelte da autori greci dei più classici, fatta in un italiano che spero non pecchi d' impurità nè d' oscurità” (1998: p. 842). E em 05 de março de 1825 ainda a Carlo Antici fala de maneira mais detalhada desse seu projeto:

Mia intenzione era di tradurre in seguito il Gerone di Senofonte; il Gorgiadi Platone, che mi pare uno dei Dialoghi più belli di questo scrittore, e più pieni di eloquenza morale; l’Orazione Areopagica dello stesso Isocrate; i Caratteri di Teofrasto; e forse qualcuno de’ Dialoghi d’Eschine Socratico. Tutte le quali operette non hanno ancora traduzioni italiane, se non antiche pessime di lingua e di stile, e peggiori ancora per i controsensi continui e la mala intelligenza dell’originale. Finalmente io voleva dare, o insieme con questi opuscoli, o in un tomo a parte, i *Pensieri di Platone*, che io avrei raccolti e scelti e tradotti, opera simile a quella dei Pensieri di Cicerone dell’Olivet, ma che avrebbe dovuto essere un poco più ampia, e contenere tutto il bello e l’eloquente di Platone, sceverato da quella sua eterna dialettica, che ai tempi nostri è insoffribile e da’ suoi sogni *fisici*, che riuscirebbero parimenti noiosi ai più dei lettori moderni, massimamente per la loro oscurità (1998: p. 863).

Já em resposta a Stella sobre uma proposta de tradução, Leopardi enfatiza, em carta de 18 de maio de 1825, que:

Quanto a tradurre, se io fossi simile a molti altri, le prometterei l’opera mia senza difficoltà. Ma avendo il vizio e la debolezza di non voler pubblicare sotto il mio nome se non cose che mi soddisfacciano pienamente, e di mirar sempre a una certa perfezione nello scrivere; e dall’altra parte non essendomi mai provato a tradurre diligentemente prose latine, massime di Cicerone; diffido assai assai di me stesso, e perciò non le dico per ora altro, se non che io per servirla, mi proverò a tradurre una Orazione delle più brevi, e questa sarà quella *post reditum ad Quirites*. Tradotta che io l’avrò, se non ne sarò malcontento, la manderò a Lei, e sentitone il suo giudizio, mi deterinerò circa il tradurne o no delle altre (1998: .

Esse rigor no traduzir e no escrever são características do grande escritor italiano que viu e deu à tradução o estatuto de *gênero*, pois

atribuía a essa atividade dignidade e autonomia literária em relação às outras formas expressivas<sup>14</sup>. Nesse sentido, podemos comparar as idéias de Leopardi às de Borges, para quem a tradução deve estar ligada a fatores estéticos e é vista como um texto tão importante quanto o texto original.

Além disso, ainda em carta a Stella de 13 de março de 1825, retomando idéias já expostas em outras correspondências, Leopardi lembra que ao traduzir devemos ter as melhores edições do texto de partida, conhecimentos filológicos e, indiretamente, conhecer toda a obra do autor que traduzimos, conselhos que são fundamentais para o bem traduzir.

Para finalizar, podemos constatar que as cartas que tratam de tradução na produção epistolar de Leopardi de 1816 (ano da primeira carta sobre o assunto) a 1826 podem ser classificadas em três grupos: o de divulgação das suas traduções, o mais propriamente de caráter teórico e o voltado à crítica de tradução. Embora as reflexões sobre tradução ocupem cerca de 15% do total das cartas escritas pelo autor de Recanati, essas já contêm as sementes para a ampla teorização que o tema vai ganhar no *Zibaldone di Pensieri* e que ainda hoje permanecem pouco estudadas entre nós.

## Notas

1. Quero agradecer à minha bolsista PIBIC, Ana Clara Pacheco S. Thiago, que no período de agosto de 2007 a julho de 2008, leu, separou, catalogou e digitalizou as cartas de Leopardi que tratam de tradução. Esse trabalho foi de grande utilidade para pensar este artigo.

2. O último período, de 1827 a 1837 será tema de outro artigo.

3. Metade das cartas que compõem o epistolário de Leopardi foram escritas por quase duzentos correspondentes.

4. Franco Cassano, em *Oltre il nulla – Studio su Giacomo Leopardi*. Roma/Bari: Laterza, 2003, observa que é difícil pensar em Leopardi sem lembrar da paisagem das Marcas embora ele tenha vivido constantemente em conflito com a sua cidade natal. Mas, segundo Cassano, foi Recanati que fez Leopardi viver “profondamente questo rapporto con l’ambivalenza della provincia, lo slancio e la prigionia della siepe. Egli ha sempre sentito una straordinaria attrazione metafisica per il cielo, ma i suoi slanci partivano dall’interno di una stanza, dal riparo di una siepe, dal ritiro di una piccola cittadina, e le colline rischiarate dal sereno e dalla luna sono quelle di Recanati. Ma Giacomo ha anche sofferto questa chiusura, ha sempre desiderato fuggire, andare il perimetro di quei luoghi, che pure hanno segnato in modo indelebile il suo linguaggio e la sua poesia (2003: p. VIII).

5. Por ano, temos a seguinte distribuição:

1816 – 8 cartas	1822 – 3 cartas
1817 – 19 cartas	1823 – 7 cartas
1818 – 4 cartas	1824 – 2 cartas
1819 – 2 cartas	1825 – 10 cartas
1820 – 4 cartas	1826 – 17 cartas
1821 – 2 cartas	

6. Esse período é o mais intenso em termos de traduções literárias. Traduz, entre outros, os *Idílios* de Mosco, a *Batracomiomaquia*, os discursos de Frontão, II livro da *Eneida*, a *Titanomaquia* etc.

7. Nesse sentido, ver, por exemplo, as cartas de Stella de 27 de novembro de 1816, a de Vogel em 04 de março de 1817 ou ainda a de Silvestrini enviada em 10 de setembro de 1817, entre outras.

8. Francesco De Sanctis observa que, com a tradução de Mosco, tem-se um primeiro indício da poética leopardiana, porque, provavelmente, foi nele que Leopardi se inspirou para compor seus idílios.

9. Os prefácios às traduções que Leopardi chama de “saggio”, são concisos, claros, críticos. Assim, além de apresentar elementos da biografia e da crítica, Leopardi atua como um crítico de tradução, pois não deixa de enumerar e examinar as traduções existentes para o italiano e também para outras línguas, criticando e/

ou elogiando suas opções. Nesses seus prefácios, Leopardi sublinha a dificuldade da tarefa, especialmente da tradução de poesia, pela dificuldade em conservar os aspectos formais, como as rimas (1998: p. 537). Tarefa difícil, sim, mas não impossível, como professaram os seus contemporâneos Dante e Croce. Um outro elemento dos prefácios de Leopardi é o chamar constantemente a atenção de seus leitores, colocando-os como os únicos capazes de julgar e/ou opinar sobre a qualidade de suas traduções (Guerini, Andréia. *Gênero e tradução no Zibaldone de Leopardi*. São Paulo: Edusp, 2007, p. 151).

10. Vale lembrar que o *Zibaldone di Pensieri* começa a ser escrito em 1817 e já nos primeiros autógrafos temos um Leopardi teórico da literatura, como também mais tarde, no mesmo *Zibaldone*, teremos um Leopardi, teórico da tradução. Ver Guerini, Andréia. *Gênero e Tradução no Zibaldone de Leopardi*. São Paulo: Edusp, 2007.

11. Para mais detalhes ver Guerini, Andréia. “O epistolário leopardiano de 1809 a 1817: as primeiras reflexões sobre tradução” in *Fragments*. Florianópolis: EDUFSC, 2007, vol. 33, pp. 273-8.

12. Pietro Giordani, célebre no seu tempo, é mais lembrado pela troca epistolar com Leopardi, que por suas obras, que tanto encantaram o autor de *L'Infinito* (*Dizionario Bompiani*, v. III, 2005, pp. 3006-3007).

13. Esta carta é considerada pela crítica como uma das mais importantes de todo o epistolário leopardiano. É, segundo Laura Diafani, a “più celebrata dell’intero epistolario” (2000: p. 38) e, conseqüentemente, a mais comentada.

14. NACCI, Bruno. *Leopardi teorico della traduzione*. 1999 The Johns Hopkins University Press. All rights reserved. *MLN* 114.1 (1999) 58-82.

## Bibliografia

- BOSI, Alfredo. “A natureza, os antigos: Leopardi tradutor”. In Leopardi, Giacomo. *Poesia e Prosa*. Organização e notas Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, pp. 158-173.
- CASSANO, Franco. *Oltre il nulla – Studio su Giacomo Leopardi*. Roma/Bari: Laterza, 2003.
- DAMINAI, Rolando. *All'apparir del vero – Vita di Giacomo Leopardi*. Milano: Mondadori, 2002.
- Dizionario Bompiani delle opere e dei personaggi di tutti i tempi e di tutte le letterature*. Vol. III/V. Milano: Bompiani, 2005.
- DE SANCTIS, Francesco. *Studio su Giacomo Leopardi*. Venosa: Osanna Venosa, 2001.
- DE SANCTIS, Francesco. *Sull'epistolario di Giacomo Leopardi*. Torino: Einaudi, 1960.
- DE SANCTIS, Francesco. *Storia della letteratura italiana*. Torino: Einaudi, 1958.
- DIAFANI, Laura. *La stanza silenziosa – Studio sull'epistolario di Leopardi*. Firenze: Le Lettere, 2000.
- GUERINI, Andréia. “O epistolário leopardiano de 1809 a 1817: as primeiras reflexões sobre tradução” in *Fragments*. Florianópolis: EDUFSC, 2007, vol. 33, pp. 273-8.
- GUERINI, Andréia. *Gênero e tradução no Zibaldone de Leopardi*. São Paulo: Edusp, 2007.
- LEOPARDI, Giacomo. *Epistolario*. Vol. 1. Torino: Bollati Boringhieri, 1998. A cura di Franco Brioschi e Patrizia Landi.

\_\_\_\_\_. *Zibaldone*. In [www.liberliber.it](http://www.liberliber.it), acesso em março-agosto 2008.

\_\_\_\_\_. *Poesie e Prose*. A cura di Rolando Damiani. Milano: Arnoldo Mondadori, Meridiani, 1998.

\_\_\_\_\_. *Poesia e Prosa*. Organização e notas Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

MORONCINI, Francesco (Org.). *Epistolario di Giacomo Leopardi*. Nuova Edizione Ampliata Firenze: Felice Le Monnier, 1934.

NACCI, Bruno. “Leopardi teorico della traduzione”. In *MLN* 114, vol. 1, 1999. Baltimore-Maryland: The Johns Hopkins University Press, pp. 58-82.

NASI, Franco. “Le maschere di Leopardi e l’esperienza del tradurre”. In Traduzione ed Intercultura. Modena: Università Degli Studi Di Modena e Reggio Emilia, 2006, pp. 5-22. Disponível em: < [www.linguaggioecultura.unimore.it/materiali/Modena\\_publicazione\\_seminario\\_2004-5\\_def.pdf](http://www.linguaggioecultura.unimore.it/materiali/Modena_publicazione_seminario_2004-5_def.pdf) >. Acesso em 20 maio 2008.

POLATO, Lorenzo. *Il sogno di un’ombra – Leopardi e la verità delle illusioni*. Venezia: Marsilio, 2007.